

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”*

Marina de Almeida Spinola**

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v13i176-102

Resumo: A História passa por constantes mudanças e interpretações. Assim, são construídos revisionismos historiográficos para contemplar os vários debates possíveis. Porém, surgem também os revisionismos ideológicos que, em vez de contribuírem para reflexões, servem como propaganda para ideais de um grupo ou para o apagamento de responsabilidades sobre violências passadas. O Guia do Politicamente Incorreto e o Brasil Paralelo são duas plataformas de revisionismo ideológico da direita; porém, apesar de adotarem posicionamentos parecidos, defendem discursos diferentes. Desse modo, é essencial entendermos suas diferenças e semelhanças nos discursos a fim de compreender as intenções e públicos de cada produção.

Palavras-chave: Revisionismo, História Pública, Guia do Politicamente Incorreto, Brasil Paralelo, História.

* Gostaria de agradecer a todos que me acompanharam nessa jornada revisionista, desde meu orientador Marcos Napolitano, a minha família e amigos, que ouviram sobre minha pesquisa por horas, e especialmente, agradeço a todos que preferem o caminho do conhecimento histórico ao do revisionismo ideológico.

** Graduação em 2024 / Contato: marinaspinola590@gmail.com

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”

Introdução

A História é uma ciência sujeita a revisões constantes, seja porque descobriram novas fontes e documentos, seja porque uma discussão entre autores resultou em uma nova visão; isso possibilita novos debates e uma multiplicidade de pontos de pesquisa; portanto, são necessárias revisões, com a intenção de atualizar e expandir a historiografia. O revisionismo, de acordo com o historiador Marcos Napolitano, é o “processo de revisão de conhecimento factual e das interpretações historiográficas dominantes, com base em novas questões teóricas, novas hipóteses, novos métodos de análise e novas fontes primárias” (NAPOLITANO, 2021, p. 98). A revisão histórica faz parte da ciência histórica e pode resultar em uma nova perspectiva sobre eventos que anteriormente considerávamos bem conhecidos ou sobre os quais tínhamos informações imprecisas. Entretanto, o problema não são os historiadores revisionistas, que usaram arquivos inexplorados ou basearam seus trabalhos sobre uma documentação nova (TRAVERSO, 2012), e sim quando essa revisão parte de discursos enviesados para promover a ideologia de um grupo.

Neste artigo serão analisadas duas plataformas midiáticas que seguem a linha do revisionismo ideológico: O *Guia do Politicamente Incorreto*, programa de televisão do *History Channel*, baseado na obra de Leandro Narloch; e *Brasil: A última cruzada*, produzida pelo grupo Brasil Paralelo. Apesar de ambas terem um forte discurso antiesquerda, elas foram feitas para grupos de direitas diferentes.

O revisionismo historiográfico visa buscar novas fontes, métodos e hipóteses, para renovar e revisar debates historiográficos para enriquecer a ciência histórica. Por exemplo, o trabalho revisionista da historiadora Silvia H. Lara, escritora de textos como *Escravidão no Brasil: Um Balanço Historiográfico* (1992) e *Do plural ao singular*

(1996), que resgata a subjetividade e a memória dos escravos, coloca esses personagens, que antes eram negligenciados ou desrespeitados, como sujeitos de suas próprias histórias. O problema começa quando o revisionismo parte “unicamente de demandas ideológicas e valorativas e colige fonte e autores para confirmar uma visão pré-construída acerca de um termo histórico, quase sempre polêmico” (NAPOLITANO, 2021, p.99). Um revisionismo que não tem preocupação com método, mais afeito à manchetes sensacionalistas; que se apropria de forma descontextualizada de trabalhos historiográficos, que se pauta com anacronismo, no uso acrítico de fontes primárias, com intuito de, ao final, defender uma tese dada a princípio sobre o passado incômodo e sensível. Esse é o revisionismo ideológico.

O filósofo Terry Eagleton, em seu texto *Ideologia: uma introdução* (1997) explora a relação entre ideologia e poder ao dissertar que aquela é qualquer conjunto de crenças motivadas por interesses sociais (EAGLETON, TERRY, 1997). É também o pensamento que está na origem dos movimentos políticos e que dá coesão à sociedade, logo, são estratégias discursivas. Para ele, nem toda ideologia é necessariamente negativa, se auxiliar no esclarecimento dos processos pelos quais pode ser efetuada tal libertação diante de crenças letais. Contudo a base ideológica desses revisionismos não tem preocupação em ser inclusiva, e sim excludente (FREIRE, Paulo, 2011).

Tanto o revisionismo ideológico quanto o negacionismo não possuem preocupação em revisar e ampliar conhecimentos sobre o passado. A proposta é a de deturpar o conhecimento, por meio de mentiras e explicações enviesadas sobre momentos históricos considerados polêmicos. O negacionismo poderia ser definido como a negação *a priori* de um processo, evento, ou fato histórico estabelecido pela comunidade de historiadores como efetivamente ocorridos no passado

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”

(NAPOLITANO, 2018, p.83). O maior exemplo disso, e que deu origem a essa corrente, foi a negação da *Shoah*, o Holocausto judaico durante a Segunda Guerra Mundial, com o discurso da extrema-direita antisemita como um “elemento de coesão ideológica e, simultaneamente, como uma estratégia de tentar se viabilizar politicamente por meio da negação dos crimes contra a humanidade cometidas pelo regime Nacional-Socialista alemão”. (DE CASTRO, 2015, p.5)

O revisionismo ideológico e o negacionismo procuram interferir na História Pública, a partir do questionamento do trabalho historiográfico institucionalizado e acadêmico. A História Pública, resumidamente, segundo o historiador Robert Kelley, refere-se ao “emprego de historiadores e do método histórico fora da academia” (KELLEY 1978, p. 30). Esse campo surge no Brasil por demanda de um público que prefere aprender uma História fora do ambiente acadêmico. Assim, surgem revistas especializadas de divulgação com grandes tiragens, e, por outro lado, “uma agressiva produção ‘historiográfica’ que insiste em se autopromover como uma ‘nova história’ – não acadêmica, diferente e superior àquela”. (MALERBA, 2014, pp.32). Contudo, a concepção deste artigo não está em uma História não profissional, e sim em como suas produções cruzam a barreira do revisionismo.

Uma das razões dos revisionismos ideológicos estarem ganhando reconhecimento é porque o discurso acadêmico e o do professor do ensino básico estão sendo desqualificados como estratégia política. Muito disso devido à polarização político-ideológica da sociedade brasileira e de outras ao redor do mundo. Tal desvalorização é justificada com dois argumentos: o primeiro é de que os “historiadores não são ‘neutros’, e por causa da suposta ‘hegemonia marxista’ na área e nas universidades, são meros doutrinadores de crianças e jovens inocentes”

(NAPOLITANO, 2021, p.104); já de acordo com o segundo, os historiadores emitem suas opiniões, disfarçadas de pesquisa científica, para ocultar sua vontade de “doutrinar ideologicamente o estudante no presente ao estudar o passado”. (NAPOLITANO, 2021, p.104)

O *Guia do Politicamente Incorreto sobre a História do Brasil* é um livro escrito pelo jornalista Leandro Narloch, em 2009. No ano de 2017, começaram as produções da série baseada na obra, exibida no canal de televisão fechada *History Channel*. O *youtuber* Felipe Castanhari foi o apresentador da primeira temporada, porém, como não aprovou o resultado final, não voltou para a segunda temporada. Castanhari foi uma espécie de “Cavalo de Tróia” para o público jovem que acompanhava seu canal no Youtube, *Nostalgia*, que, às vezes, faz vídeos sobre História, já que funcionou como um atrativo para o grupo que acompanhava seus projetos. No entanto, a série ficou muito mais ideológica que seus vídeos, além de o apresentador se encontrar em algumas situações em que precisou proferir falas desrespeitosas. A segunda temporada estreou em 2020 no History, com um apresentador novo, o jornalista Eduardo Bueno, um dos primeiros a entrar na onda da História Pública e ganhar muito dinheiro com seus livros sobre História. Dessa vez, a produtora optou por sair de um alinhamento ideológico de direita e abordar outros temas fora do livro de Narloch; por isso, essa temporada não será considerada para o artigo. O foco será mantido na primeira.

O Brasil Paralelo, por sua vez, é um grupo criado em 2016, que produz material audiovisual sobre variados temas, como educação, história, jornalismo, cinema e política. Seus criadores dizem que estão em uma “realidade paralela”, em que divulgam “verdades” supostamente omitidas pela mídia e pela esquerda, que para os revisionistas, é uma ideologia dominante no meio acadêmico. Em 2017, eles lançaram

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”

a série *Brasil: A última cruzada*, uma produção de seis episódios que aborda desde a história de Portugal, um pouco antes da colonização, até a Era Vargas. Em 2022, eles colocaram no *streaming BP Select* a versão remasterizada da série, com novos conteúdos e com melhor resolução. Além disso, a fim de alavancar a divulgação da série e forçar a assinatura no *BP Select*, vários episódios foram retirados do canal deles no YouTube. Em razão disso, para a pesquisa, tive que optar por canais paralelos.

A história que a escola não te ensina

Tendo em vista o que caracteriza um revisionismo ideológico, é possível explorar algumas estratégias dessa corrente e verificar em que medida elas se encaixam nas séries do *Guia do Politicamente Incorreto* e do *Brasil: a última cruzada*. A comparação mais detalhada priorizará os episódios que discutem a escravidão. Contudo, para mostrar que certas falas, e comportamentos, são identificáveis em diferentes momentos da produção, serão exibidos fragmentos de outros episódios que ajudam a elucidar o argumento apresentado.

Uma das estratégias de revisionismo ideológico, recorrente em ambas as produções, é a de defender a necessidade de outras versões sobre um evento histórico (NAPOLITANO, 2021). Isso está presente no livro de Narloch: “Por isso é hora de jogar tomates na historiografia politicamente correta. Este guia reúne histórias que vão diretamente contra ela” (NARLOCH, 2011, p.10). Na série usam essas provocações na abertura dos blocos temáticos em cada episódio:

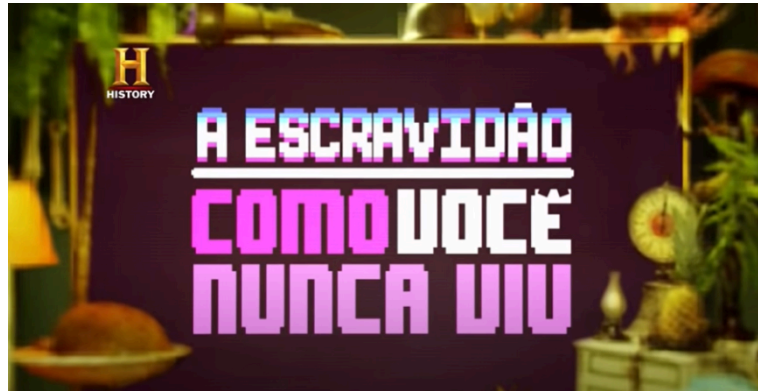


Imagem 1: Imagem da troca de um bloco temático na série Guia Politicamente Incorreto. Fonte: (Guia politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD Canal no YouTube Cortes Libertários, 04/02/2018).

Na série do *Brasil: última cruzada*, os episódios, logo no começo, já reforçam a ideia de contar uma história que não nos foi ensinada pela escola, a ideia de que esconderam de nós o nosso passado e de que precisamos revisar esses conteúdos. O apresentador Filipe Valentim, no primeiro episódio diz “Você está prestes a conhecer uma história de sacrifício, virtude e coragem, que por muito tempo nos foi negada”. (ONLINE, 2017, “Ep. 2 - A Vila Rica - A Última Cruzada - Brasil Paralelo” [vídeo, arquivo MP4], 0:05).

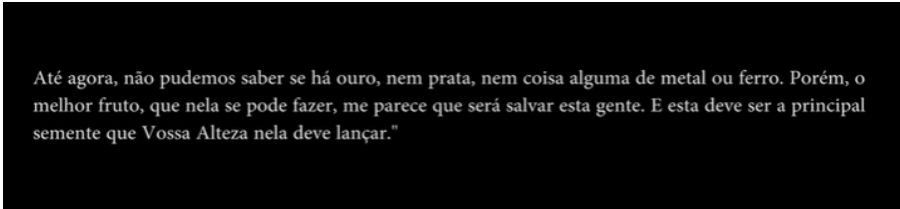
Outra estratégia explorada é a de reivindicar o reconhecimento de procedimentos metodológicos de análise semelhante aos dos historiadores não revisionistas (NAPOLITANO, 2021). Essa tática aparece de forma mais evidente nos livros de Narloch, mas também é visível na série, quando, por exemplo, a escravidão entra no debate.

O historiador Renato Venâncio, em sua obra *O Incorreto no Guia Politicamente Incorreto*, desmonta os discursos ideológicos de Narloch, especialmente, sua seletividade com as fontes. Para falar sobre os bandeirantes, Narloch diz que nossa visão a respeito desses homens “como ‘homicidas sádicos’ é inspirada em relatos jesuítas” (NARLOCH, 2011, p.36), e por isso são de um viés tão negativo. Porém, para

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”

falar de Zumbi dos Palmares, Narloch desconsidera que os quilombolas de Palmares não deixaram registros escritos, assim utiliza em suas obras informações provenientes de documentos feitos “por holandeses (e alemães que os acompanhavam), portugueses e fazendeiros que atuavam em Câmaras Municipais” (VENÂNCIO, 2012, p.23), ou seja, grupos que estavam contra Palmares, e então seria favorável para eles “pintar aquele espaço como pior do que as senzalas, um antro de ladrões, assassinos e estupradores” (VENÂNCIO, 2012, p.23).

Já o que ocorre em diversos episódios do Brasil Paralelo é o uso de uma fonte primária, como a Carta de Pero Vaz de Caminha, no segundo episódio, para legitimar sua narrativa, sem realizar a análise desse documento, o que é parte fundamental do trabalho do historiador. Em vez de fazer a crítica, o programa faz uso de trecho para validar a expedição portuguesa e a futura catequização forçada aos povos indígenas.



Até agora, não pudemos saber se há ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro. Porém, o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar.”

Imagem 2. Trecho da carta de Pero Vaz de Caminha apresentada na série Brasil: A última cruzada. Fonte (Ep. 2 - A Vila Rica - A Última Cruzada - Brasil Paralelo. Canal no YouTube Brasil Paralelo Online, 11/10/2017)

Se essas produções são de revisionismo ideológico, é necessário explorar quais ideologias estão em debate. Para ilustrar melhor essa comparação entre as séries, será usado de exemplo o tema da escravidão. Ressalto que a ideia não é desconstruir, desmentir ou justificar as falas e trazer um debate historiográfico, como Renato Venâncio realizou em sua obra, mas trazer pontos nos discursos utilizados para pensarmos até onde a linha do revisionismo é cruzada e pode se tornar ideologia excludente e desrespeitosa.

O Brasil Paralelo faz sua série *Brasil: A última cruzada* em ordem cronológica e esse tema aparece no segundo episódio (*A Vila Rica*) para falar do funcionamento do sistema e no quinto (*O Último Reinado*) para exaltar a abolição. Já o “Guia” é uma série com episódios temáticos independentes, despreocupado em seguir uma cronologia histórica, o que, provavelmente, está relacionado com o fato de ser um programa televisionado em emissora fechada, e desse modo o telespectador não perderia um conector se não assistisse a algum capítulo. Assim, no “Guia” o tema é explorado, principalmente, no terceiro episódio, com cerca de 40 minutos, e nele foram entrevistadas 10 pessoas: Eduardo Bueno, Eduardo Gianetti, José Vicente, Ivanir dos Santos, Leandro Narloch, Mary del Priore, Pedro Doria, Ronaldo Vainfas, Tiago Cordeiro e Tom Farias. Entre as especializações a que mais prevalece é a de jornalista, além de também terem escritores, economistas, historiadores e um babalorixá. Nos episódios do BP, considerando apenas os recortes sobre escravidão, temos seis minutos no episódio *A Vila Rica* e 10 minutos em *O Último Reinado*. Ou seja, em uma série que tem pretensão de apresentar a história do Brasil em seis episódios, com cerca de uma hora cada um, aproximadamente 16 minutos são usados para falar sobre escravidão, assim, se considerarmos 360 minutos de série, apenas 4,4% da série discutiu esse tema. No episódio dois, são entrevistados: Adriano Gianturco, Alberto da Costa e Silva, Paulo Cruz, Olavo de Carvalho e Thomas Giulliano. No quinto episódio, entrevistam-se dez pessoas: Adriano Gianturco, Aristóteles Drummond, Bruno Garschagen, Dom Bertrand, Leandro Narloch, Luiz Felipe D’ávila, Olavo de Carvalho, Paulo Cruz, Rafael Nogueira e Thomas Giulliano.

Para falar sobre a escravidão, o “Guia” optou por falar mais da mobilidade social entre os escravos, sugerindo uma certa meritocracia liberal e negligenciando o caráter estrutural da escravidão; além de discutir, de maneira leviana, com piadas e

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”

sarcasmos, a miscigenação, um evento que envolve violências sexuais. O revisionismo ideológico da série é ressaltado quando os entrevistados dão a entender que a sociedade contemporânea tende a exagerar sobre os males da escravidão, por isso priorizam apresentar casos de negros que prosperaram durante essa época. Esses “cases de sucesso” em vez de trazer uma reflexão sobre como pouquíssimos foram exceção à regra, na verdade diminui o lugar das vítimas na narrativa histórica (VENÂNCIO, 2012), com uma intenção de reduzir a importância do movimento negro, que parece estar “reclamando” sem motivo. Essa tática foi usada por Narloch na sua obra sobre escravidão, *Achados e perdidos da História: Escravos: A vida e o cotidiano de 28 brasileiros esquecidos pela história* (NARLOCH, 2017), e em sua coluna na Folha sobre as ‘sinhas pretas’: *Luxo e riqueza das ‘sinhas pretas’ precisam inspirar o movimento negro* (NARLOCH, 2021). O episódio tem pretensões históricas, traz a presença de personalidades conhecidas, como Mary del Priore e Eduardo Bueno, e apresenta várias teses debatidas na historiografia geral; entretanto, o episódio perde muito ao analisar esse tema por um viés ideológico e até mesmo desrespeitoso, em pró do polemismo sensacionalista. Exemplo disso é quando se fala da morte de Zumbi dos Palmares. Castanhari diz “o Zumbi teve uma morte violenta pra cacete. E eu não tô brincando (...) costuraram a ‘parada’ dele na garganta, mano. Não ficou bonito, não foi uma imagem legal não. E isso mostra a raiva que os portugueses tinham do dono do quilombo”. (LIBERTÁRIOS, 2018, “Guia politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD”, [vídeo, arquivo MP4], 18:09.)¹

O BP, nos curtos minutos que usou para falar da escravidão, dividiu o tempo em basicamente dois discursos: a fala repetitiva e valorativa da falha moral da

¹Apesar dos vídeos originais serem encontrados no canal do History Channel, eles estão separados por blocos, para a pesquisa foi preferido utilizar vídeos completos.

escavidão. Assim, no lugar de uma discussão crítica, pende para o emocional, e ao mesmo tempo tenta normalizar a prática, como se fosse comum no mundo inteiro, especialmente no continente africano. Logo, os portugueses seriam apenas “homens de sua época”, isentos de culpa, que visavam apenas ao crescimento econômico do país. Exemplo disso é quando Adriano Gianturco diz “escavidão, do ponto de vista moral/étnico, não há nenhuma dúvida, (...) é uma aberração moral (...) O ponto é, do ponto de vista histórico, infelizmente, foi uma normalidade no mundo inteiro, por grande parte da história, na verdade”. (ONLINE, 2017. “Ep. 2 - A Vila Rica - A Última Cruzada - Brasil Paralelo” [vídeo, arquivo MP4], 34:04).

No quinto episódio, que aborda a abolição da escravidão, a Princesa Isabel é o centro das atenções, e a discussão se concentra em seu caráter e sua coragem, enquanto se enfatiza a necessidade de sermos gratos a ela, independentemente das críticas que o movimento negro possa fazer, conforme sugerido pelas declarações de Paulo Cruz. Isso acaba sendo uma abordagem valorativa, em vez de uma análise crítica da história. E D. Pedro II, apesar de, segundo eles, ser abolicionista, não poderia acabar com a escravidão, pois corria o risco de eclodir uma Guerra Civil como ocorrera nos EUA; esse foi, inclusive, o argumento empregado por Narloch nesse episódio (AMARELO, 2019). Em momento algum fala-se de um ativismo ou revolta por parte dos negros e escravizados, ou da população em geral. O “crédito” pela abolição é direcionado praticamente à princesa. Isso fica evidente quando o economista Aristóteles Drummond tem a seguinte fala “e foi a Princesa Isabel que disse, quando sugeriram a ela, ‘você pode estar assinando a abolição e o fim da monarquia’, ela disse ‘eu pago qualquer preço para libertar esses homens’” (AMARELO, 2019. “Brasil Paralelo: A Última Cruzada - Capítulo 5: O Último Reinado” [vídeo, arquivo MP4],

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”

52:58)². Um dos entrevistados da série é Dom Bertrand, neto da princesa Isabel, que usa do momento para falar das virtudes da princesa e se emociona. Por fim, eles encerram o tema com a fala de Thomas Giulliano, de que a forma como a escravidão foi superada no país seria motivo de orgulho (AMARELO, 2019), ou seja, um silenciamento e alienação sobre o racismo estrutural. Dessa forma, eles não levam em consideração que o racismo não só permanece como é um elemento que integra a organização política e econômica da sociedade (ALMEIDA, 2018, p.15). Essa visão é diferente da apresentada pelo “Guia”, que encerra o episódio falando sobre o racismo contemporâneo, que na visão da série é “culpa” da República, e não consequência dos séculos de exploração passados.

Nenhum dos programas ao falar de escravidão fala dos escravizados, é sempre uma visão que vem das classes de cima, a monarquia, a aristocracia. O que é muito diferente, por exemplo, do revisionismo de Silvia Lara, que em seu trabalho *Campos da Violência* não somente quebra a oposição sobre o caráter benevolente ou cruel da escravidão como também trata de entender como funcionava a relação de dominação. Para a historiadora existiam duas maneiras de analisá-la, examinando a lógica senhorial e o ponto de vista dos escravos. Incluir a visão escrava da escravidão redimensionou a abordagem de temas e questões que até então haviam orientado os estudos sobre a escravidão no Brasil (Entrevista com Silvia Hunold Lara, 2018).

Ainda por meio do tema da escravidão conseguimos reparar em algumas diferenças cruciais entre os dois programas, não só no discurso, mas também estéticas. O “Guia”, em termos audiovisuais da série, tem uma estética dissonante do *Brasil: A última cruzada*, aquele visa parecer mais “despojado”, com convidados de

²A Brasil Paralelo, em 2022, retirou os episódios de três a seis do canal, pois iria relançar a série remasterizada, logo, por estratégia mercadológica, não era possível ver esses vídeos por lá.

camiseta, falando palavrão e fazendo piadas, como a fala de Castanhari mencionada anteriormente sobre Zumbi dos Palmares. O Brasil Paralelo, por sua vez, apresenta pretensões de parecer um documentário mais sóbrio. O que lembra a tese de Napolitano de as fontes audiovisuais “serem consideradas por alguns, tradicional e erroneamente, testemunhos quase diretos e objetivos da história, de alto poder ilustrativo, sobretudo quando possuem um caráter estritamente documental” (NAPOLITANO, 2005, p.235). Por conseguinte, esse argumento vale para o “Guia” também; todavia, o BP opta por um formato com o propósito de trazer legitimidade para sua obra ao dar aos espectadores uma ideia de que podem confiar no que está sendo falado. As entrevistas são contextualizadas em um ambiente com luz mais escura, os convidados parecem mais sérios, com roupa social e fundos de biblioteca ou escritório. A abertura da série *Brasil: A última cruzada* também é mais requintada, com o nome da série em dourado e a sequência de símbolos como a coroa monárquica e o brasão de Portugal; de fundo toca a música *Da Pacem Domine*, cantada por The Chant of The Templars, que seria o “canto dos templários”, grupo antecessor da Ordem de Cristo, que financiou a expedição de Pedro Álvares Cabral; enquanto a abertura do “Guia”, além de mais curta, é formada por colagens de personagens históricos e a música de fundo é um *rock*.

Entre os recursos audiovisuais, a série opta por animações e apresentação de imagens para ilustrar a fala dos convidados, enquanto o “Guia” também utiliza dessas técnicas, mas além disso faz uso de encenações, como, por exemplo, quando um ator “dá vida” a um quadro de Debret, trazendo situações de alívio cômico. Outra característica interessante na série de Narloch é terem optado por usarem um cenário para o apresentador Castanhari muito similar com o que ele usava em seus vídeos no canal Nostalgia na época, o que retoma a ideia de que o *youtuber* foi uma

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”

atrativo para aumentar a audiência da série, em uma tentativa da produção de trazer os milhares de inscritos de seu canal para o canal do *History*.



Imagem 3: Cena ilustrada da morte de Zumbi na série Guia Politicamente Incorreto. Fonte: (Guia Politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD Canal no YouTube Cortes Libertários, 04/02/2018).



Imagem 4: Cena da abertura da série Guia Politicamente Incorreto. Fonte: (Guia Politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD. Canal no YouTube Cortes Libertários, 04/02/2018).



Imagem 5: Encenação dentro da obra de Debret na série Guia Politicamente Incorreto. Fonte: (Guia Politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD Canal no YouTube Cortes Libertários, 04/02/2018).



Imagem 6: Cenário de Castanhari na série Guia Politicamente Incorreto. Fonte: (Guia Politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD Canal no YouTube Cortes Libertários, 04/02/2018).



Imagem 7: Cenário de Castanhari em seu canal Nostalgia. Fonte: (Como Os Beatles mudaram a história da música - Nostalgia. Canal no YouTube Canal Nostalgia, 15/06/2017).

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”



Imagem 8: O convidado Eduardo Bueno na série Guia Politicamente Incorreto. Fonte: (Guia Politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD, Canal no YouTube Cortes Libertários, 04/02/2018)



Imagem 9: Cena da abertura da série Brasil: A última cruzada. Fonte (Ep. 2 - A Vila Rica - A Última Cruzada - Brasil Paralelo. Canal no YouTube Brasil Paralelo Online, 11/10/2017)



Imagem 10: Imagem para ilustrar contato entre indígenas e portugueses na série Brasil: A última cruzada. Fonte (Ep. 2 - A Vila Rica - A Última Cruzada - Brasil Paralelo. Canal no YouTube Brasil Paralelo Online, 11/10/2017)



Imagem 11: O convidado Rafael Nogueira na série Brasil: A última cruzada. Fonte (Ep. 2 - A Vila Rica - A Última Cruzada - Brasil Paralelo. Canal no YouTube Brasil Paralelo Online, 11/10/2017)

Outro ponto interessante de comparação entre as plataformas é a escolha dos entrevistados. O “Guia”, como foi mencionado, tem a preocupação de trazer pessoas conhecidas pelo grande público, sem falar de figuras que participam dessa “História Pública” da série e trazem pontos interessantes para o debate, como o babalorixá Ivanir dos Santos e o advogado José Vicente, que também é reitor na Universidade Zumbi dos Palmares. Apesar da proposta da série ser a de um debate caracterizado por vários matizes ideológicos, as falas que mais possuem tempo de tela no episódio são as que geram polêmicas, principalmente as proferidas pelos jornalistas Leandro Narloch e Tiago Cordeiro. Exemplo disso é quando Cordeiro diz que “não é nenhuma ofensa ao movimento negro, ou a nenhuma bandeira de ninguém, questionar (...) essa lenda de que os portugueses invadiam a costa da África e roubavam e pilharam e traziam um escravo sofredor” (LIBERTÁRIOS, 2018. “Guia politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 2 - HD” [vídeo, arquivo MP4], 21:36) e sim que eles eram derrotados de guerra e que se não viessem para o Brasil teriam a mesma vida na África. Ao afirmar isso, o jornalista minimiza o que foi o tráfico negreiro e coloca diferentes tipos de escravidão em um mesmo patamar, além de desrespeitar o lugar dos escravizados e do movimento negro contemporâneo.

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”

O BP além de trazer nomes de pessoas comumente associadas ao conservadorismo, como Flavio Morgenstern, Rodrigo Constantino (esse aparece somente no sexto episódio), Olavo de Carvalho, e seu aluno Rafael Nogueira, a grande diferença está nos nomes relacionados com a “família real” brasileira, como Dom Bertrand, Luiz Philippe de Orléans e Bragança e Dom Duarte Pio de Bragança, o que demonstra uma das principais diferenças entre as duas séries, já que o BP, apesar de seguir uma linha liberal e antiesquerda, aprecia mais o modelo monárquico que o republicano, com um forte saudosismo a essa época.

Para além dos episódios sobre a escravidão, também é interessante refletir sobre algumas semelhanças entre as duas plataformas que aparecem de forma mais evidente em outros episódios. Tanto em uma série quanto na outra, há um forte posicionamento antiesquerda, apresentado sob uma perspectiva liberal. Por exemplo, no episódio dois, *Ditadura à brasileira*, sobre a ditadura de 1964, Leandro Narloch diz “se teve alguma qualidade da ditadura brasileira, foi ter nos afastado de uma ditadura comunista, talvez a gente tivesse que ter um feriado nacional do Brasil pra comemorar o dia em que a gente se livrou de uma ameaça comunista” (LIBERTÁRIOS, 2018. “Guia politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 2 - HD” [vídeo, arquivo MP4], 12:34). E no episódio três, *Guilhotina da Igualdade*, ao falar da Revolução Francesa, Flávio Morgenstern diz “o lema dos jacobinos por sinal deixava bem claro o que é esquerda. O lema deles era: nós precisamos enforcar o último rei nas tripas do último padre. isso é esquerda” (SANTOS, 2020. “A guilhotina da igualdade – Ep. 3” [vídeo, arquivo MP4], 11:14).

Além do discurso antiesquerda, também é um ponto comum nas duas séries um discurso contra o professor e os historiadores acadêmicos. No segundo episódio

Luiz Felipe Pondé diz “a esquerda brasileira que se diz ter combatido pela liberdade mente, grande parte dos professores de história também mente porque eles também são de esquerda.” (LIBERTÁRIOS, 2018. “Guia politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 2 - HD” [vídeo, arquivo MP4], 1:57) E no episódio cinco da série do BP, o historiador Rafael Nogueira tem a seguinte fala “Solano Lopes (...) conhecido como um ditador, mas um ditador que é bem visto (...) é (...) um paralelo de um professor de escola vestindo a camisa do Che Guevara conta, porque é um paralelo com Cuba, então eles gostavam” (AMARELO, 2019. “Brasil Paralelo: A Última Cruzada - Capítulo 5: O Último Reinado” [vídeo, arquivo MP4], 30:17). Essas falas contra o professor de História retomam a ideia citada anteriormente de que os revisionismos ideológicos ganham força por meio da desvalorização do professor, visto, de forma generalizada, como um doutrinador de esquerda mal-intencionado.

Outro discurso parecido entre os dois, porém usado com mais peso e frequência na série do Brasil Paralelo, é de uma crítica muito negativa à República em prol de uma valorização do regime monárquico no Brasil, de preferência, o Segundo Reinado. Inclusive, são nesses episódios que temos convidados que foram entrevistados nas duas séries, como Paulo Rezzutti e Valdirene Ambiel. Ambos os programas apresentam a monarquia como a melhor época da história brasileira, com legados positivos e uma postura elogiosa. Falas do sétimo episódio na série do “Guia”, como a de Paulo Schmidt “na minha opinião, a monarquia foi o período áureo da História do Brasil” (ALEATÓRIOS, 2019. “Guia Politicamente Incorreto - Episódio 07” [vídeo, arquivo MP4], 36:26) e “os elementos mais retrógrados do Império foram os que compuseram a República Nova, então é por isso que a República foi um desserviço, um regresso na verdade” (ALEATÓRIOS, 2019. “Guia Politicamente Incorreto - Episódio 07” [vídeo, arquivo MP4], 41:25) possuem uma certa semelhança

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”

com falas presentes no quinto episódio da série *Brasil: A última cruzada*, como a de Luiz Philippe de Orléans e Bragança “vivíamos aí uma *Belle Époque* brasileira” (AMARELO, 2019. “Brasil Paralelo: A Última Cruzada - Capítulo 5: O Último Reinado” [vídeo, arquivo MP4], 37:22), e a de Thomas Giulliano de que “o Brasil passou a deixar quatro séculos de legado, tudo aquilo que maturou o desenvolvimento político do país (...) ficou para trás a expectativa de um futuro que nunca chegou” (AMARELO, 2019. “Brasil Paralelo: A Última Cruzada - Capítulo 5: O Último Reinado” [vídeo, arquivo MP4], 1:13:00).

Entretanto, como já foi mencionado, a série *Brasil Paralelo* explora mais o tema da monarquia, já que é uma linha ideológica fundamental da produção, e aborda o assunto de maneira idealizada. A diferença no discurso entre os dois programas é evidente quando o *Guia Politicamente Incorreto*, dentro do seu viés de polemismo, em um dos blocos do episódio “fofoca” sobre as amantes de D. Pedro II, que são menos comentadas que os casos extraconjugais de seu pai; enquanto o *Brasil Paralelo* usa do quinto episódio para construir a imagem de um D. Pedro II sábio e líder, e quer afastá-lo dessa imagem mais “romântica”, usualmente associada com D. Pedro I.

Finalmente, é possível perceber que o *Guia Politicamente Incorreto* parte de uma argumentação valorativa, muitas vezes maniqueísta, com uso seletivo de teses historiográficas, exploradas como “polemismo sensacionalista”, além de uma generalização de casos excepcionais individuais para absolver o sistema e diminuir o lugar das vítimas na reflexão histórica, como uma propaganda de preconceitos (VENÂNCIO, 2012), por exemplo, diminuir a importância do movimento negro dos dias de hoje. “Sob a bandeira do ‘politicamente correto’, mal se disfarça uma visão

altamente conservadora, quando não reacionária, retrógrada, eurocêntrica e preconceituosa da/sobre a história do Brasil" (MALERBA, 2014, p.38). Já a série *Brasil: A última cruzada*, por sua vez, segue um discurso de matriz conservadora, a defesa do modelo monárquico como governo político no Brasil, e a construção de um projeto civilizador eurocêntrico e cristão; afinal, a série é a "última cruzada". A ideia é retomar um patriotismo supostamente perdido no período republicano, um "antídoto", como eles dizem. Como notou o historiador Roldão Pires Carvalho, o Brasil Paralelo se passa como série de história, mas é uma propaganda ideológica. Para ele, a série pode ser considerada um ticket conservador-liberal, um conjunto de ideias e propostas prontas (CARVALHO, 2020). A narrativa da série lembra muito a escrita do diplomata Francisco Adolfo de Varnhagen, que em suas obras, como a *História Geral do Brasil* (VARNHAGEN, 1870) foi explícito em "defender a supremacia europeia, branca, cristã e monárquica como parâmetro de sua escrita da história nacional. O supremacismo de sua leitura do passado era consciente e coerente com o projeto que defendia para o futuro" (LIMA, 2019, p.23). Uma visão esperançosa com relação ao "futuro branqueamento da população por meio da imigração de colonos europeus. Note-se que as políticas legitimadas por essa visão da história nacional têm tido efeitos gravíssimos para a violência racial no Brasil desde a época da Abolição" (LIMA, 2019, p.23). Esse tipo de discurso, depois de tantos séculos, já não deveria mais entrar em pauta como legítimo.

Conclusão

O revisionismo historiográfico é uma corrente muito importante para atualizar os debates, apresentar uma multiplicidade de vozes de agentes históricos que antes eram silenciados e renovar a ciência histórica com o objetivo de melhorar a compreensão sobre o passado. Ainda assim, existe um lado negativo dessa produção,

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”

que é quando esse conteúdo é utilizado para sustentar discursos ideológicos no presente, para promover agendas políticas e também distorcer ou ignorar fatos históricos para estimular determinadas ideias ou interesses. Nesse sentido, esses revisionistas fazem um errôneo uso das fontes para sustentar suas interpretações, além de desconsiderar evidências documentais que contradizem seus discursos, o que pode gerar uma compreensão distorcida ou parcial dos eventos históricos. Nos casos mais extremos, esse revisionismo ideológico pode atravessar a barreira do negacionismo, o que pode ter implicações graves para a construção da memória coletiva e para a garantia dos direitos humanos. Portanto, a disseminação de um revisionismo irresponsável pode ter graves consequências sociais, incluindo desinformação, preconceito, conflitos sociais e dificuldades em lidar com traumas históricos. Desse modo, é importante ter cuidado ao lidar com a história e garantir que as informações sejam precisas e contextualizadas.

Duas plataformas foram discutidas nesse artigo: O *Guia Politicamente Incorreto*, baseado em uma obra de mesmo nome que foi *best-seller* no Brasil, e o *Brasil: A última cruzada*, produzida pela Brasil Paralelo, que a cada dia ganha mais assinantes e apoiadores. Apesar das várias semelhanças entre as duas, sendo a mais expressiva o discurso antiesquerda e contra um "professor doutrinador", o que é importante analisarmos são suas diferenças, pois elas evidenciam que são feitas para públicos-alvos diferentes; logo, a intenção discursiva desse revisionismo ganha maior abrangência, seja na televisão por assinatura com polemismo sensacionalista, seja pelo YouTube ou *streaming* com um projeto de educação eurocêntrico, católico e de apoio à monarquia.

O direito à liberdade de expressão é inquestionável, “mas não deve ser confundido com o direito de ser reconhecido e legitimado por ‘negar a verdade

histórica” (NAPOLITANO, 2021, p.109). Ao defender a liberdade de alguns, corre-se o risco de diminuir o lugar de outros, no caso dos revisionismos, das minorias, que por tantos séculos já foram negligenciadas na historiografia. A História deve ser entendida como um processo complexo e multifacetado, que envolve múltiplas perspectivas e interpretações, e precisa ser abordada com rigor metodológico e ético. Desse modo, o papel dos historiadores é crucial na construção de uma memória coletiva responsável e crítica, que seja capaz de enfrentar os desafios do presente e do futuro com base no conhecimento e na reflexão sobre o passado.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Roldão Pires; MARTINI, Mara Rovida. **A propaganda do ticket conservador-liberal-uma análise do potencial ideológico do discurso do ativismo de direita**. *Questões Transversais*, v. 8, n. 15, 2020.

DE CASTRO, Ricardo Figueiredo. **O Negacionismo do Holocausto: pseudo-história e história pública**. *Resgate-Revista Interdisciplinar de Cultura*, v. 22, n. 28, p.5-12, 2015.

EAGLETON, T. **Ideologia**. Uma Introdução. São Paulo; Unesp/Boitempo, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2011.

KELLEY, Robert. Public History: its origins, nature and prospects. **The Public Historian**, v. 1, n. 1, p. 16-28, 1978.

LARA, Sílvia H. Escravidão no Brasil: Um Balanço Historiográfico. **Revista de História**, V.3, N.1, 1992.

_____, Sílvia H. **Do singular ao plural: Palmares, capitães-do-mato e o governo dos escravos**. In: REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, A. N. A nação brasileira entre a cruz e a espada: apontamentos sobre a atual (re)construção de uma identidade nacional supremacista no Brasil. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 27, n. 54, p. 15–38, 2019. DOI: 10.20396/tematicas.v27i54.12336. Disponível em:

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/12336>.
Acesso em: 30 mar. 2023.

MALERBA, J. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 7, n. 15, p. 27–50, 2014. DOI: 10.15848/hh.v0i15.692. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/692>. Acesso em: 28 mar. 2023

NAPOLITANO, Marcos. **A história depois do papel**. Fontes históricas. Tradução . São Paulo: Contexto, 2005. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Napolitano_M_2_1457648_AHistoriaDepoisDoPapel.pdf. Acesso em: 28 mar. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, J.; Pinsky, C.B. **Novos combates pela História**. Desafios, Ensino. São Paulo, Contexto, 2021.

NARLOCH, Leandro. **Achados e perdidos da História: Escravos: A vida e o cotidiano de 28 brasileiros esquecidos pela história**. São Paulo: Estação Brasil, 2017.

_____, Leandro. **Guia politicamente incorreto da história do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Leya, 2012. (Primeira edição em 2009)

_____, Leandro. **Luxo e riqueza das ‘sinhas pretas’ precisam inspirar o movimento negro**. Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: (<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandro-narloch/2021/09/luxo-e-riqueza-das-sinhas-pretas-precisam-inspirar-o-movimento-negro.shtml>).

“O racismo tem uma história” – Entrevista com Silvia Hunold Lara. **Estudos Ibero-Americanos**, vol. 44, núm. 3, pp. 518-524, 2018. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

QUEIRÓZ, Suely Robles Reis de. **Escravidão negra em debate**. Historiografia brasileira em perspectiva. Tradução . São Paulo: Contexto, 1998.

SILVIO, Almeida. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar**. Lisboa: Unipop, 2012.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História geral do Brazil antes da sua separação e independência de Portugal**. 2 v., Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, 1870.

VENÂNCIO, Renato. **Incorreto no Guia politicamente incorreto da história do Brasil**. Resenha do livro: Guia politicamente incorreto da história do Brasil, 2012.

Vídeos

ALEATÓRIOS, Vídeos. Guia Politicamente Incorreto - Episódio 07. Youtube, 31 de janeiro, 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=c8JvbbdFDhs&t=3>>. Acesso 29 de março de 2023.

AMARELO, Brasil Verde. Brasil Paralelo: A Última Cruzada - Capítulo 5: O Último Reinado. Youtube, 12 de janeiro de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NvPnd8E1o7c>>. Acesso em 29 de março de 2023.

LIBERTÁRIOS, Cortes. Guia politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 2 - HD. Youtube, 04/02/2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2GiwPpYjjZg&t=62s>> . Acesso em 29 de março de 2023.

_____, Cortes. Guia politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD. Youtube, 04/02/2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mvjbyrrb6aE&t=1s>>. Acesso em 29 de março de 2023.

ONLINE, Brasil Paralelo. Ep. 2 - A Vila Rica - A Última Cruzada - Brasil Paralelo. YouTube, 11/10/2017). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_oWZz9bfNSk&t=2062s>. Acesso em 29 de março de 2023.

SANTOS, Marcelo. A Guilhotina da Igualdade - Ep 3. Youtube, 8 de setembro de 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=RzcYm26EsmY>>. Acesso em 29 de março de 2023.

Imagens

Imagem 1: LIBERTÁRIOS, Cortes. Guia politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD. Youtube, 04/02/2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mvjbyrrb6aE&t=1s>> .

As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas “Brasil Paralelo” e “Guia do Politicamente Incorreto”

NOSTALGIA, Canal. Como Os Beatles mudaram a história da música - Nostalgia. YouTube, 15/06/2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3V6JCvdVYwY>>.

Imagem 2. ONLINE, Brasil Paralelo. Ep. 2 - A Vila Rica - A Última Cruzada - Brasil Paralelo. YouTube, 11/10/2017). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_oWZz9bfNSk&t=2062s> .

Imagem 3: LIBERTÁRIOS, Cortes. Guia politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD. Youtube, 04/02/2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mvjbyrrb6aE&t=1s>>.

Imagem 4: LIBERTÁRIOS, Cortes. Guia politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD. Youtube, 04/02/2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mvjbyrrb6aE&t=1s>> .

Imagem 5: LIBERTÁRIOS, Cortes. Guia politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD. Youtube, 04/02/2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mvjbyrrb6aE&t=1s>> .

Imagem 6: LIBERTÁRIOS, Cortes. Guia politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD. Youtube, 04/02/2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mvjbyrrb6aE&t=1s>> .

Imagem 7: NOSTALGIA, Canal. Como Os Beatles mudaram a história da música - Nostalgia. YouTube, 15/06/2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3V6JCvdVYwY>>.

Imagem 8: LIBERTÁRIOS, Cortes. Guia politicamente Incorreto - History Channel - Episódio 3 - HD. Youtube, 04/02/2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mvjbyrrb6aE&t=1s>> .

Imagem 9: ONLINE, Brasil Paralelo. Ep. 2 - A Vila Rica - A Última Cruzada - Brasil Paralelo. YouTube, 11/10/2017). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_oWZz9bfNSk&t=2062s> .

Imagem 10: ONLINE, Brasil Paralelo. Ep. 2 - A Vila Rica - A Última Cruzada - Brasil Paralelo. YouTube, 11/10/2017). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_oWZz9bfNSk&t=2062s> .

Marina de Almeida Spinola

Imagem 11: ONLINE, Brasil Paralelo. Ep. 2 - A Vila Rica - A Última Cruzada - Brasil Paralelo. YouTube, 11/10/2017). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_oWZz9bfNSk&t=2062s> .